



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

HOMENS, MASCULINIDADES E EDUCAÇÃO INFANTIL: identidades masculinas recursivas na primeira etapa da educação básica

Eixo Temático 24 - Masculinidades e suas intersecções nos espaços educativos

Sandro Vinicius Sales dos Santos¹

Késia Cristina Matos da Silva²

Antônio Marcos de Sousa Barbosa Miranda³

RESUMO

O texto analisa as expressões de masculinidades de professores homens na educação infantil, articulando estudos das masculinidades (Ciccone, 2019; Connell, 1995, 2016) com pesquisas da área da educação infantil (Prado; Anselmo, 2020; Santos, 2021). Metodologicamente, foram realizadas entrevistas de foto-elicitação (Harper, 2002), procedimento que nos permitiu identificar que as expressões da masculinidade dos homens que atuam na educação infantil constituem uma identidade de recurso, por meio da qual é possível comprometer-se com a mudança e ao mesmo tempo reproduzir preconceitos; revelando a ambiguidade de ser homem e atuar com bebês e demais crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil, Professores Homens, Masculinidades, Identidades de Recurso.

INTRODUÇÃO

Este texto objetiva analisar as imagens de masculinidades que circulam no interior das instituições de educação infantil, a partir das narrativas e das fotografias de professores homens que atuam na docência com crianças.

No Brasil, os estudos recentes sobre homens professores na educação infantil (Prado; Anselmo, 2020; Santos, 2021; Santos; Sousa, 2023) têm exigido novos quadros de análise,

¹ Doutor em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, sandrovssantos@gmail.com;

² Graduada em Pedagogia. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, kesiamatosufmg@gmail.com;

³ Mestre em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, marcos.sbml@gmail.com.



capazes de evidenciar as construções das masculinidades, auxiliando na formulação de projetos educativos pautados na equidade de gênero.

Neste texto, problematizamos alguns aspectos que a presença de homens no cuidado e a educação de crianças impõe à teorização sobre masculinidades. Para tanto, partimos da seguinte questão: como a masculinidade é vivida e expressa pelos homens que atuam como professores na educação infantil? Dessa questão emergem outras: Em que momentos e situações estereótipos da masculinidade hegemônica são reproduzidos pelos homens na educação infantil? Que outras possibilidades de expressão do masculino a presença de homens na educação e nos cuidados destinados têm sido apresentadas às crianças nos primeiros anos de vida?

METODOLOGIA

Os dados foram produzidos por meio de entrevistas de foto-elicitación (Harper, 2002). Essa metodologia consiste na inserção de fotografias na situação de entrevista, já que as imagens evocam elementos mais profundos da memória e da consciência humana, talvez, difíceis de alcançar em situações convencionais de conversação (Harper, 2002).

Participaram do estudo, nove homens professores de cinco cidades brasileiras, uma de cada região do país. As entrevistas foram realizadas de fevereiro de 2023 a novembro de 2024, por meios virtuais. Os dados provenientes das transcrições das sessões de entrevistas com foto-elicitación foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 1979).

REFERENCIAL TEÓRICO

A presença de homens na educação infantil questiona o masculino hegemônico e, desse modo, oportuniza a compreensão das transformações em nosso imaginário social e no conjunto de representações das masculinidades. Esse exercício conceitual é produzido, a partir de um quadro de análise que, nos tempos atuais, descreve a crise das masculinidades (Ciccone, 2020), desvelando tanto aspectos sincrônicos quanto diacrônicos da questão dos homens na educação infantil.

Para Connell (2016), as masculinidades abarcam a emergência de práticas sociais circunscritas às relações de gênero. Ao utilizar o plural "masculinidades", ela reconhece que fatores como classe, raça, etnia, além de diferenças regionais e geracionais, atravessam as "masculinidades", distribuindo lucros e dividendos das relações de gênero de modo desigual



entre os homens. Essa abordagem não apenas explica a presença da masculinidade hegemônica — aquela que sustenta a dominação masculina sobre as mulheres — mas também a existência de masculinidades cúmplices, que, embora não alinhadas com a hegemonia, ainda se beneficiam dela, e masculinidades subordinadas, que se opõem diretamente aos pressupostos hegemônicos.

A multiplicidade de formas de construção do masculino nas sociedades complexas reforça a importância de entender as masculinidades como "configurações de práticas em torno da posição dos homens nas relações de gênero" (Connell, 1995, p. 184), a partir das experiências reais e cotidianas dos homens, em contraste com as expectativas que a sociedade impõe aos comportamentos masculinos, em diversos contextos socioculturais e diferentes períodos históricos. Tomar a masculinidade como uma configuração de práticas pressupõe que ela não compreende um padrão comportamental, mas um conjunto de representações que, no plano simbólico, prescrevem aos homens, bem como exige deles, determinados comportamentos sociais.

Isso permite que os homens que atuam na educação infantil, ao lado das mulheres, se reconheçam como agentes "imbuídos/as do desejo de mudança, [...] sujeitos implicados em processos de transformação social, especialmente aqueles referentes à construção, à desconstrução e à reconstrução das relações sociais de gênero" (Santos, 2021, p. 16).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas com os homens professores de educação infantil permitiram apreender elementos que evidenciam contradições em torno da presença desses sujeitos nas ações de cuidado e educação. Diante dos relatos, foi possível notar o estranhamento frente à presença masculina dentro da instituição de educação infantil, especialmente no que concerne à práticas de cuidado:

"E começo a trabalhar com as crianças, e os pais começam a perguntar né? "E esse homem? Como que vai ser? Eu tô com minhas meninas aqui, como que esse homem vai dar banho na minha menina? Nem eu dou banho na minha menina! Eu preservo o corpo da minha menina!" (Professor Emerson)

"[...]então ela [a diretora] já rezou a cartilha, ela falou: "você não entra em banheiro de criança, aconteça o que acontecer, você chama uma pessoa do apoio pra ir lá pra ver o que tá acontecendo com a criança lá dentro que tá lá gritando, pedindo ajuda acontecendo, o que for, você não entra" (Professor Maurício)



Percebe-se que a inserção de homens na docência com crianças pequenas ocorre em meio a um conjunto de suspeitas e desconfianças. O estranhamento inicial revela a ausência de referências masculinas naquele contexto, evidenciando como a presença de homens ainda é percebida como exceção na educação infantil, o que se reflete também na reação dos pais, que manifestam preocupações específicas sobre o contato entre o professor e suas filhas. Tais situações se fundamentam em configurações de masculinidades hegemônicas (Connell, 1995) que consideram o homem um ser sexualmente violento, de libido descontrolada e que, portanto, deve ser afastado das crianças, em especial de situações que envolvam toque em seus corpos.

Esse ambiente de suspeição e vigilância faz com que os próprios professores, em certa medida, reproduzam estereótipos atribuídos à sua imagem. Os homens professores afirmam que as relações estabelecidas com as professoras ocorrem mediante representações de masculinidades e feminilidades que, “se não forem tomadas como alvo de questionamento e reflexão coletiva, podem contribuir para a reprodução de estereótipos oriundos de outros contextos sociais no interior de creches e pré-escolas” (Santos, 2021, p. 12). Nessa perspectiva, características, como força física e virilidade, paradoxalmente, oferecem certa vantagem aos homens em um espaço onde eles são minoria:

*“A minha condução eu percebo que ela acontece com mais facilidade. A forma de controlar, o que a gente chama de “controle de turma”, né? Eu não gosto desse termo da educação infantil, mas em todos os casos se usa, né? No meu caso, é **mais fácil pelo fato de ser homem**. Parece que a voz masculina emite mais autoridade do que a voz feminina” (Professor Ivair).*

*“É muito engraçado, porque, tipo assim: você não dá conta de cuidar do menino quando ele machuca o pé, quando o menino tá meio aborrecido, quando a menina tá com vontade de fazer xixi. [...] **Contudo, no momento de desordem da sala ou de algum ambiente do CMEI, eu sou invocado como super-herói, o cara que vai resolver a situação**” (Professor Marcelino).*

Os relatos evidenciam como os professores homens, muitas vezes, reproduzem estereótipos de gênero nas relações que estabelecem com as professoras e com as crianças, já que à sua imagem são associadas características como autoridade e controle. Essa situação demonstra que o cotidiano das crianças na educação infantil é atravessado por processos de conformação do masculino e do feminino orientados pela ideia de que “as mulheres são, por natureza, mais delicadas, dóceis e aptas ao cuidado de crianças do que os homens. Estes, por sua vez, são representados pela virilidade, força e coragem, atributos desnecessários à educação e ao zelo pelas crianças” (Jaeger e Jacques, 2017, p. 546-547).



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Essa desigualdade revela um paradoxo: os professores homens são valorizados pela imposição de ordem, mas enfrentam desconfiança ao exercerem funções de cuidado, evidenciando como a masculinidade ainda é lida sob a ótica da proteção e da força (Connell, 1995; Connell; Messerschmidt, 2013), mas não da afetividade. Esse cenário sugere a necessidade de repensar concepções de gênero na educação infantil, promovendo uma visão mais equitativa em que o cuidado não seja visto como atributo exclusivamente feminino, e a autoridade, essencialmente masculina (Miranda, 2022).

A despeito das desconfianças, há momentos em que esses profissionais produzem outras/novas possibilidades de ser e estar na docência da educação infantil:

A maioria dos pais deles estavam presos, enfim, eram mais criados pela avó ou pela mãe solo, né? E aí eles queriam soltar pipa, queriam soltar pipa e não tinha, a mãe não sabia. Eu falei, vamos fazer então na semana da criança a gente vai fazer pipa e aí chamamos e a gente fez (Professor Luciano).

Aí ela falou assim: “Não professor! Minha filha gosta demais! Professor, minha filha só fala de você lá em casa! É que você faz isso, o professor Emerson ajuda a subir no pé de abacate, que o professor Emerson joga futebol com a gente, que o professor Emerson escala, bota a gente, ajuda a gente a escalar o muro para gente ver o colégio lá do outro lado” Porque tinha a escola e o CEMEI, né?! E as crianças ficavam doidas para ver como era o recreio lá dentro da escola. Os meninos tudo gritando, e elas numa curiosidade, eu pegava e subia os meninos no muro para eles olharem do outro lado, né?! Então aí eles chegavam em casa contando (Professor Emerson).

Percebe-se que os professores homens podem ressignificar seu lugar, construindo relações significativas com as crianças e colegas de trabalho, desafiando estereótipos e ampliando as possibilidades da sua presença no cuidado e na educação de bebês e demais crianças.

No entanto, a falta de um debate institucional que reconheça e valorize as diferenças, faz com que o lugar dos homens e das masculinidades seja concebido pelo coletivo institucional de maneira ambígua e contraditória. Por um lado, percebe-se que os professores homens precisam se distanciar de alguns elementos da masculinidade (violência, força física, virilidade), para serem aceitos. Por outro lado, atributos como liderança, controle e disciplinamento não apenas são exigidos, bem como são valorizadas pelo coletivo da educação infantil e concebidos como marcador da diferença da docência exercida pelos homens; uma espécie de pedagogia dura, isto é, a realização de práticas de educação e de cuidado que se diferenciam daquelas realizadas pelas mulheres, “já que se pauta por elementos da masculinidade hegemônica, sendo, portanto, marcado pela rigidez, pela



imposição da autoridade e, sobretudo, pelo disciplinamento e pelo controle dos corpos das crianças” (Santos, 2021, p. 14).

Esse contexto faz com que a masculinidade do professor de educação infantil seja compreendida como uma identidade de recurso, pois se não cabe ser viril, ainda assim, elementos da masculinidade hegemônica são constantemente evocados, valorizados e retroalimentados por homens e mulheres na realização das práticas de cuidado e educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, buscamos analisar as expressões de masculinidades de professores homens que atuam na docência com bebês e demais crianças. A interlocução com os homens que atuam como professores na primeira etapa da educação básica evidencia um contexto ambíguo, no qual algumas dimensões do masculino são rechaçadas, outras são supervalorizadas, em especial, quando se trata da presença de homens nas ações de cuidar e educar bebês e demais crianças.

Considera-se não só a necessidade de as questões de gênero figurarem no projeto pedagógico das instituições, mas que elas sejam alvo de debate e reflexão crítica por parte de docentes (homens e mulheres), conformando-se como força motriz para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, expressando um projeto de formação humana que não permita a transformação da diferença em desigualdade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CICCONE, S. **Maschi in crisi?!**: Oltre la frustrazione e il rancore. 2019.

CONNELL, R. **Gênero em termos reais**. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, R. **Políticas da masculinidade**. In: Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995, p. 185-206.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241- 282, jan./abr. 2013.

HARPER, D. Talking about pictures: A case for photo elicitation. **Visual studies**, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2002.



JAEGER, A. A.; JACQUES, K. Masculinidades e docência na educação infantil. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, p. 545-570, 2017.

MIRANDA, A. M. S. B. **Ser professor homem nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) de Belo Horizonte**: desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professores. 154 f. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PRADO, P. D.; ANSELMO, V. S. "Playing saves us": playful dimension and resistance in USP kindergartens/preschools. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e214189, 2020.

RAMOS, J. Gênero na Educação Infantil: relações (im)possíveis para professores homens. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. 176 p.

SANTOS, S. V. S.. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260077, 2021.

SANTOS, S. V. S.; SOUSA, R. G. Homens na docência da educação infantil: da memória bibliográfica ao estado da arte. **Educação**, v. 46, n. 1, 2023.